

O GARNISÉ QUE ANDOU DE BICICLETA



ilustrações de Valdir Wustro Junior

Mario Tessari

O

GARNISÉ

QUE ANDOU

DE BICICLETA

Mario Tessari

Para meus netos Elis e Otto.

Jaguaruna SC

2018

© do texto de Mario Tessari
© das ilustrações de Valdir Wustro Junior

Mario Tessari
escreveu o texto.

Maria Elisa Ghisi
incentivou, apoiou e revisou o texto.

Valdir Wustro Junior
Ilustrou o livro.

Valdir Wustro Junior
compôs a capa sobre foto registrada por Mario Tessari.

FICHA CATALOGRÁFICA

Tessari, Mario.

O garnisé que andou de bicicleta / Mario Tessari; ilustrações de Valdir Wustro Junior – Jaguaruna : Edição virtual, 2021.

1. Galináceos - Literatura infanto-juvenil. 2. Garnisé – Literatura infanto-juvenil. I.
Título.

CDD 028.5
595.799
638.1

Edição eletrônica em Dezembro de 2021.

O GARNISÉ QUE ANDOU DE BICICLETA

A garnisé branca cansou de botar ovos no ninho coletivo do galinheiro.

Mesmo que o ninho tivesse três divisões, bem na hora que o ovo estava pronto pra sair e que ela sentia vontade de botar, sempre havia outras galinhas maiores que ela tomando todo o espaço e ameaçando com gritos e bicadas.

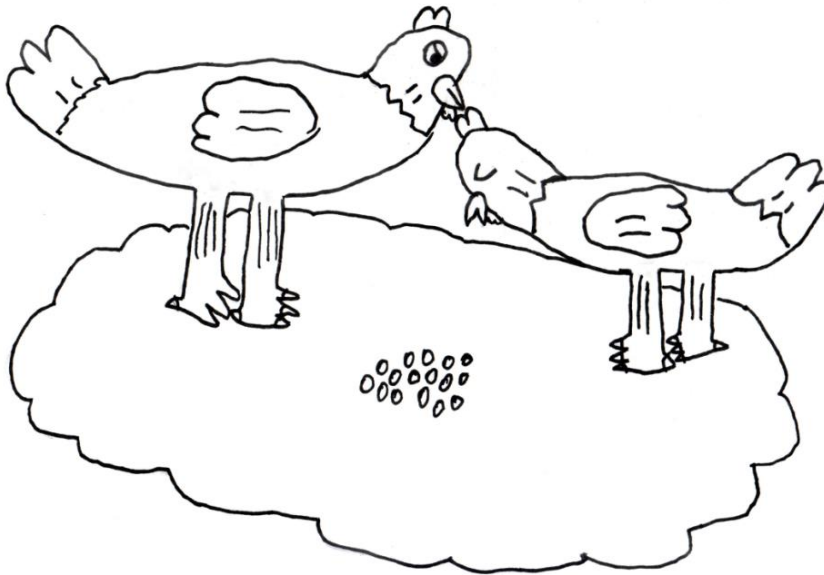
Mario Tessari

Ah! Ia esquecendo da concorrência das chocas, que se enfureciam com a maior facilidade. E faziam grande alarido por qualquer motivo. Por isso, toda manhã, tinha guerra nos ninhos.

Será que os humanos não viam que eram muitas galinhas para desovar e pouco espaço para depositar os ovos?

Mas, esse não era o único problema. A comida também precisava ser disputada, a serragem dos ninhos estava com o prazo de

5



Mario Tessari

validade vencido, o chão do galinheiro estava uma imundície, os galos grandes abusavam da autoridade, batiam nos mais fracos e maltratavam as galinhas. Isso quando não armavam brigas estúpidas entre eles, batendo uns nos outros até sangrarem.

Havia galinhas demais no terreiro. Por isso, quem pudesse fugia para os quintais vizinhos e dormia nas ramadas das árvores.

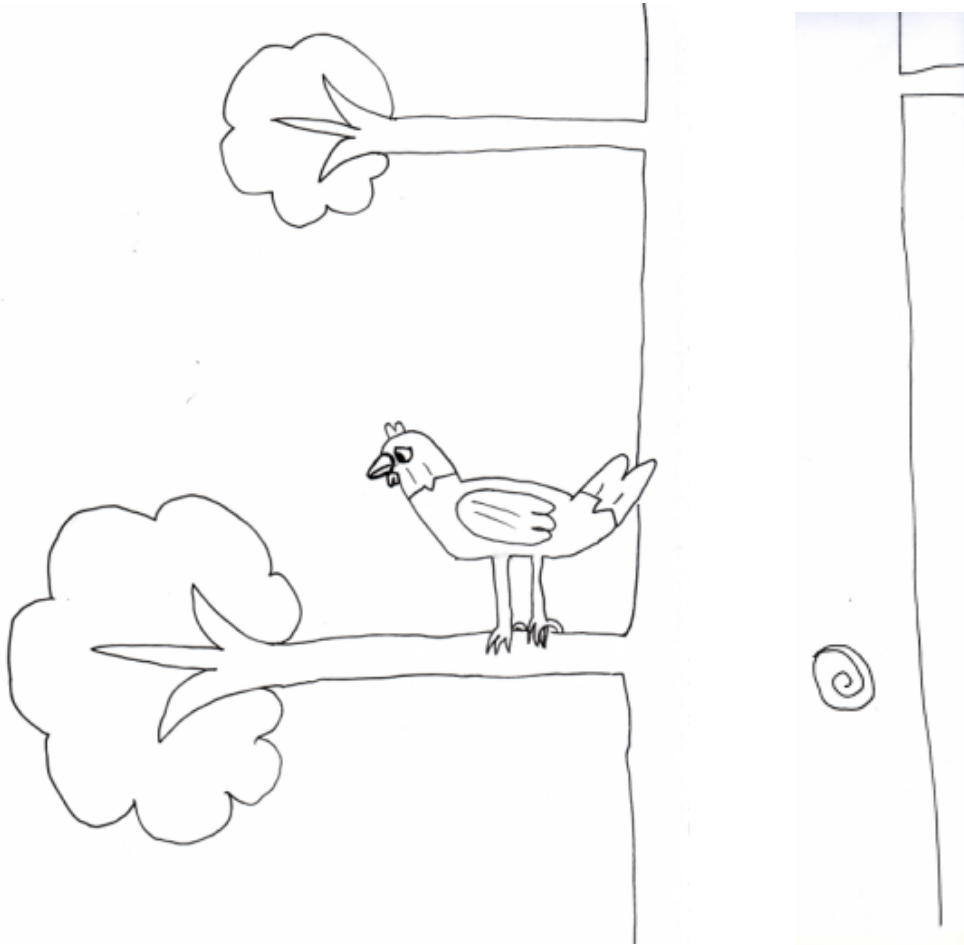
Ali, encontravam mais espaço até que... os donos dos terrenos começassem a atirar paus e pedras ou, então, soltassem os cães para caçar as inocentes aves que só queriam liberdade e ar puro.

Outro problema: o homem e a mulher não respeitavam propriedade alheia.

Mal os ovos fossem depositados naquela serragem malcheirosa dos ninhos, um deles vinha recolher a safra. Então, os ovos não eram das galinhas? Não eram elas que faziam os ovos? Não eram

O GARNISÉ QUE ANDOU DE BICICLETA

elas que chocavam os ovos e que criavam os pintinhos? Um absurdo! Uma verdadeira exploração dos animais!



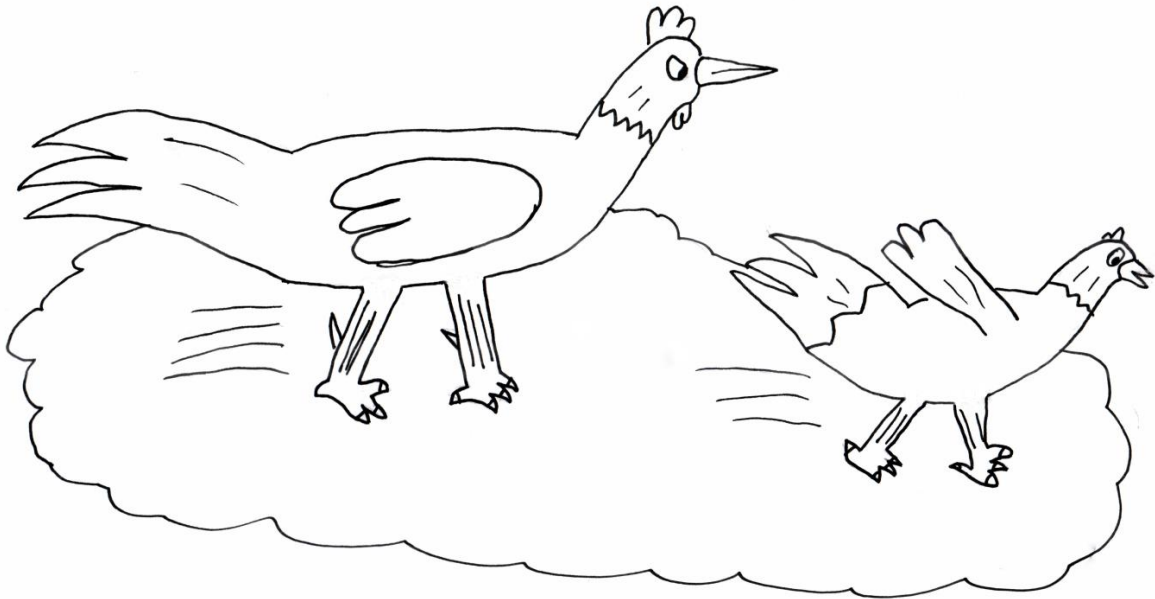
A vida andava difícil para as galinhas. Ainda mais para ela que era miúda e fraca. Além do que, os humanos sempre ridicularizavam os ovos dela, por serem bem menores que os das outras galinhas. Pois, não há de ver que, quando tudo parecia só piorar, o rapaz da casa trouxe outra garnisé?

Aí, ao menos tinha alguém do tamanho dela e com ideias parecidas. Até os ovos delas eram parecidos. Já não apanhava sozinha; apanhava junto com a nova companheira de infortúnio. Aí, quando apanhavam, tinha uma para defender a outra.

O rapaz deve ter gostado do comportamento delas. Ou teriam sido as penas vistosas que chamaram a atenção dele? Isso até que é secundário; importante que o filho dos humanos estava do lado delas e até, às vezes, chegava bem na hora para apoiar, dar moral e para pôr os agressores pra correr.

Outra coisa boa: vez em quando, o rapaz trazia um amigo ou uma amiga para ver a beleza e a vivacidade delas.

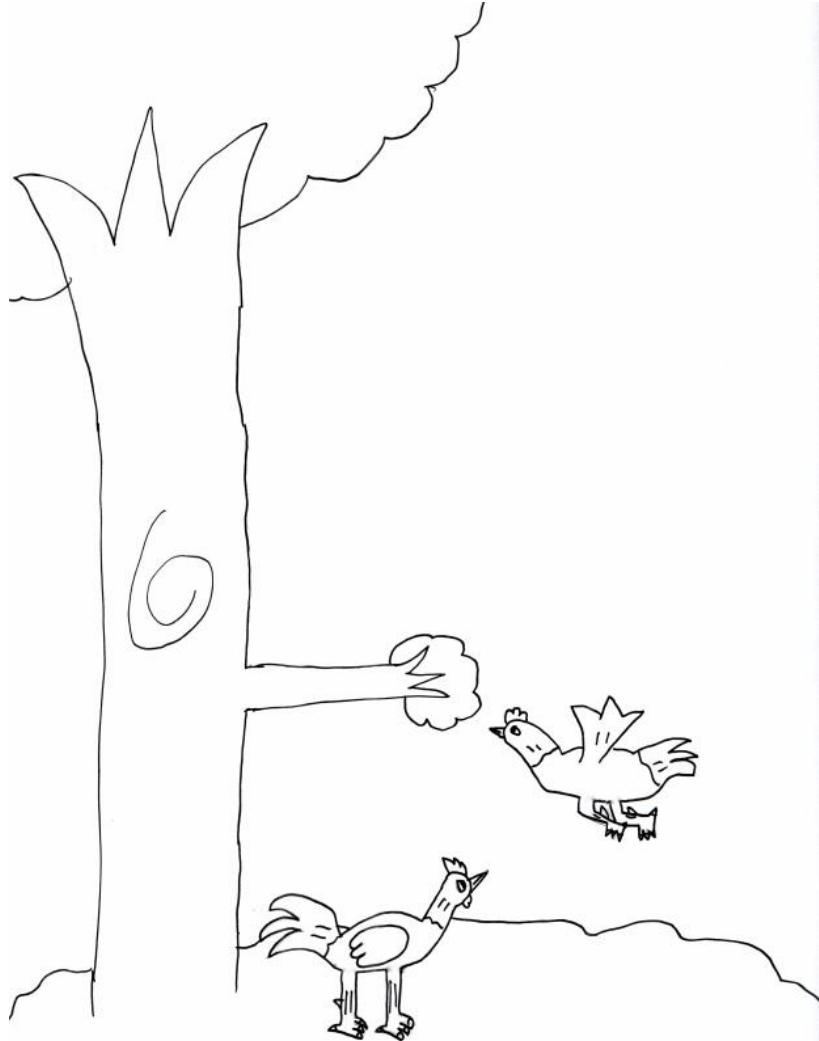
Porém, tinha um problema. Havia duas garnisés e nenhum garnisé. As outras galinhas tinham a companhia de diversos galos e elas viviam sem um companheiro. E o pior: perseguidas por aqueles monstros belicosos.



Qual não foi a surpresa para as duas amigas garnisés quando um amigo do rapaz trouxe um garnisézinho, um frangote ainda, e soltou no terreiro. Elas e os dois rapazes estavam admirando a beleza do jovem garnisé quando um dos galos grandes avançou sobre o recém-chegado, que mal teve tempo de desviar a cabeça da bicada certa do malvado.

Ainda bem que os rapazes estavam lá pra defender o garnisé. Elas, então, ficaram de olho no galo raivoso, pra ver se ele se distraia pra elas correrem pra junto do garnisé. Como o galo ficou parado escutando os rapazes gritando com ele, as garnisés correram pra o fundo do cercado para cumprimentar o recém-chegado.

Porém, a paz só
durou enquanto os
rapazes ficaram
conversando perto
do cercado. Só que
eles foram embora,
os ataques
recomeçaram e o
garnisé só se safou
porque voava muito
bem e encontrou
um galho para
pousar.



Assim, continuaram a ser os dias seguintes. Uma agitação. Mas, nos intervalos das perseguições, os três garnisés conversavam e planejavam a defesa deles e uma forma de esconder os ovos.

Como os garnisés são mais leves que galos e galinhas, eles conseguiam voar mais rápido e pra mais longe.

Ainda mais garnisés com grandes penas nas asas e na cauda. Um dos lugares para onde eles fugiam era o quintal do vizinho, que andava meio abandonado.

Ciscando pra cá, olhando pra lá, eles iam analisando os buracos e as pedras, sempre buscando um esconderijo pra fazer um ninho natural onde depositar os ovos.

Um dia, a garnisé branca percebeu uma barata correndo pra dentro de uma moita e foi atrás. Descobriu que, dentro da moita, havia um abrigo bem aconchegante.

De volta, comentou com os companheiros, que demonstraram pouco interesse pela moita.

Na manhã seguinte, a garnisé branca sentiu que mais um ovo estava pronto para sair. Quando se encaminhava para o ninho, o homem veio atirar milho no pátio e ela estava com fome. Por isso, adiou a postura.

Depois, lembrando com tristeza das brigas das chocas e das galinhas grandes que também estariam ali para botar, caminhou com tristeza em direção ao ninho. Sentou sobre o ovo-ponto e procurou ficar quieta, sem dar importância às confusões ao redor.

Enquanto aguardava a hora da desova, aproveitou o tempo pra meditar. Lembrou que tinha sido bem pior. Ela a única nanica e, por isso, tratada como franguinha desvalida. Com a chegada do casal de garnisés, passaram a ser três e a formar um grupo.

Podiam conversar e trocar ideias entre iguais. Ela já não era a única diferente no galinheiro.

Entretanto, o problema da disputa do ninho para botar continuava. Ia mergulhar no sentimento de impotência, quando uma ideia iluminou os pensamentos: a moita no quintal do vizinho poderia ser um bom lugar pra esconder seus ovos.

Bem. Aí, esqueceu até de se concentrar nos esforços para expelir o ovo. Precisava analisar o lugar e as estratégias pra chegar lá sem despertar suspeitas no homem e na mulher, que roubariam seus ovos. 14

Estava distraída com o projeto que queria compartilhar com os outros dois garnisés quando uma das chocas arrancou algumas penas das costas dela com uma violenta bicada. O jeito foi apressar a desova e cair fora dali.

Ao voltar ao terreiro, foi ao encontro dos dois amigos e contou a ideia que teve. Eles ficaram pensativos. Parecia que não acreditavam nas intuições dela. Então, a garnisé branca convidou os dois pra explorarem, juntos, a moita no quintal do vizinho.

Vendo com maior atenção, o abrigo era formado por uma grande moita de capim-limão. Antes de entrarem pra ver como era por dentro, repararam bem pra verificar se alguém estava de olho neles. Nada. Todo mundo distraído.

Então, ela entrou na toca e foi seguida pelo garnisé. A outra garnisé ficou de vigia pra avisar se surgisse algum perigo.

Concluíram que poderia ser um lugar seguro. Desde que não fosse frequentado por outros bichos, como lagartos e gambás.

O garnisé saiu da toca e comunicou isso para a companheira que estava de sentinela, avisando que voltaria para ajudar na construção do ninho.

Dentro da moita, o casal de garnisés ciscou bem o chão e, depois, cobriu a terra com bastante palha seca, que, ali embaixo, tinha bastante. Ficou um bom ninho, discreto e bem protegido da chuva e do sol.

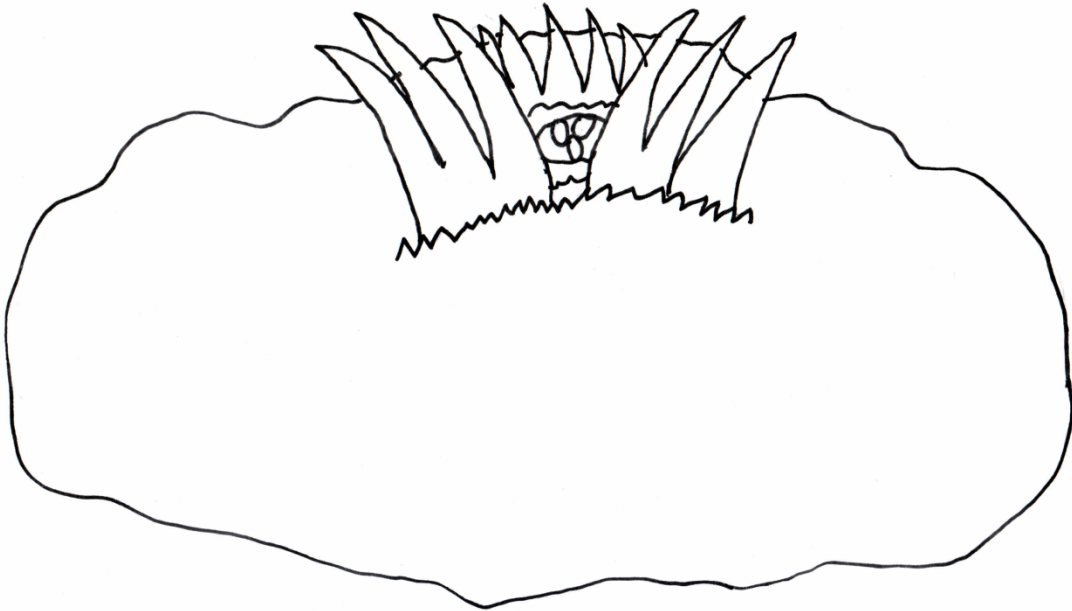
16

Por ora, o problema parecia resolvido. Porém, carecia de observar, por uns dias, se outras galinhas ou algum bicho malvado encontrassem o esconderijo.

A garnisé branca fingiu nada de novo estar acontecendo. Nas manhãs seguintes, foi botar no galinheiro como sempre ia. No entanto, ria por dentro, sabendo que logo estaria livre das ameaças e das bicadas das chocas e das outras galinhas grandes.

O GARNISÉ QUE ANDOU DE BICICLETA

Depois de três dias prestando atenção na movimentação pro lado do capim-limão, os três amigos concluíram que o lugar era seguro e que a garnisé branca poderia passar a depositar seus ovos ali.



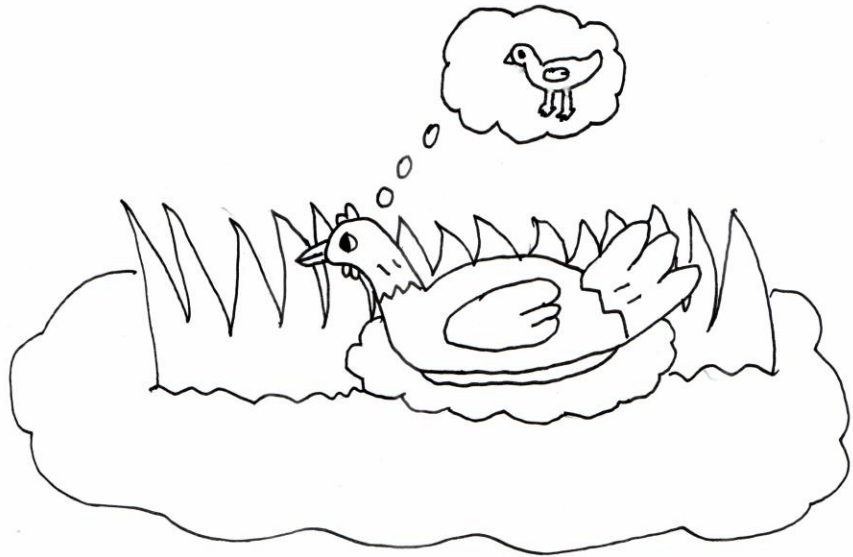
17

Mas, deu azar. No dia seguinte, não tinha mais ovo pra botar, porque a garnisé branca entrou no choco. O jeito era esperar um novo ciclo de postura.

Mario Tessari

Mais uma surpresa: a outra garnisé sentiu os ovos crescerem na barriga dela e foi ela quem inaugurou o ninho no esconderijo do capim-limão. Naquele mês, as duas garnisés encheram o ninho de ovos. E depois, chocaram juntas. O garnisé ficava zanzando de lá pra cá pra disfarçar o segredo que guardava com todo o cuidado.

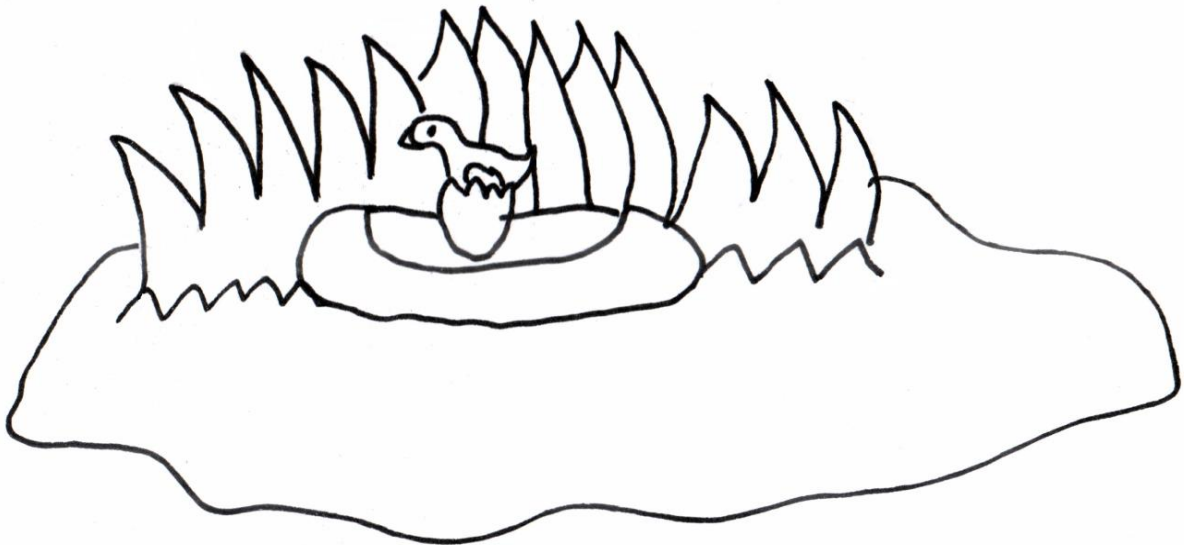
Durante os dias
e as noites que
passaram
assentadas
sobre os ovos,
as duas
garnisés
dormitavam e
sonhavam com
a beleza dos filhotes que iriam nascer.



Algum teria penas até os pés como a garnisé branca? Quantos nasceriam com topete como a garnisé preta? Quais deles teriam penas coloridas e lustrosas como o pai?

Depois de dezenove dias, o primeiro filhote começou a piar dentro da casca.

Até o final da terceira semana, descascaram todos os ovos sem



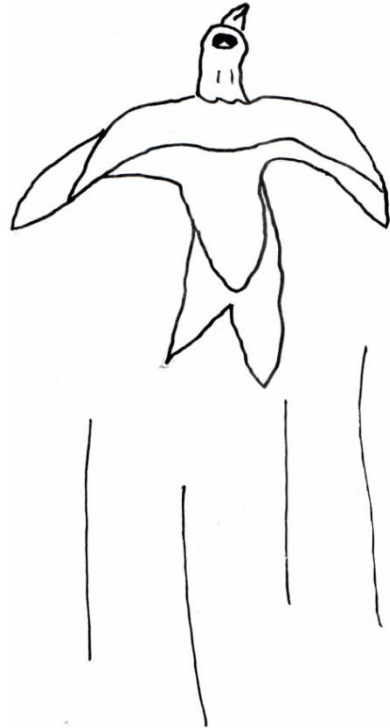
falhar um sequer. Então, as parceiras saíram da moita de capim-limão puxando a longa fila de garnisezinhos.

As galinhas grandes soltaram cacarejos de admiração. Os galos espichavam o pescoço para ver melhor. O galo velho exclamou um quiquico agudo de pura inveja.

A família garnisé era vistosa e alegre.

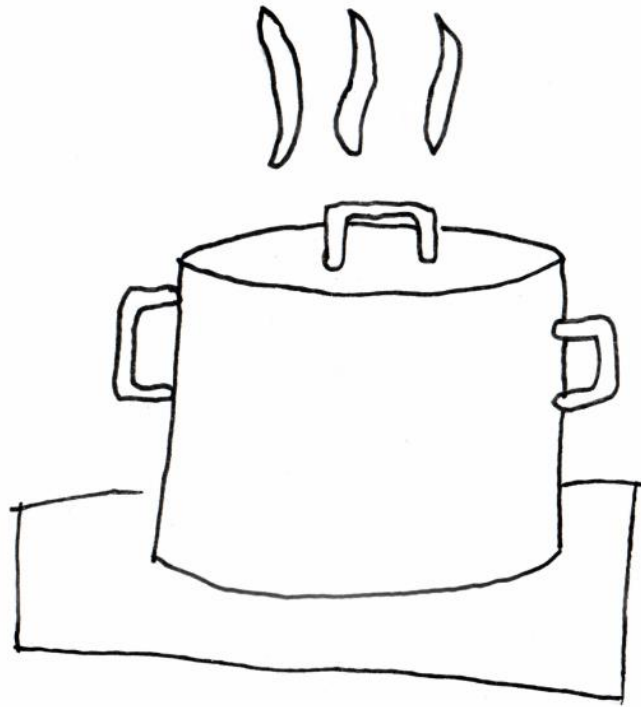
Mas, nem todos os problemas estavam superados. A comida jogada no terreiro era pouca e havia outras ninhadas de pintinhos pra disputar a quirera. E os gaviões rondavam a área tentando abocanhar os pequenos garnisés.

Apesar das dificuldades e dos perigos, a ninhada chegou à vida adulta. Menos



um que foi carregado pelo gavião. Bela trupe de penas coloridas, no meio de um bando ainda maior de galos e de galinhas grandes. Muitas aves para pouco espaço.

Então, o homem e a mulher começaram agir para reduzir o número de galináceos. Alguns foram vendidos; os mais carnudos iam pra panela.



Como garnisé tem pouca carne, eles iam ficando ali à espera de interessados em comprar. Por fim, os que sobraram foram doados pra alguém ou abandonados à beira da estrada.

O mais vistoso dos garnisés viajou na bicicleta do homem até chegar ao Sítio Itaguá. Viagem assustadora para quem estava dentro de um saco que balançava forte e, às vezes, batia nos ferros da máquina.

22

O garnisé chegou sem fôlego. Desesperado. Louco pra fugir. Para piorar, as seis galinhas residentes ficaram alvoroçadas com a presença do recém-chegado. Reagiram, demonstrando hostilidade como se o novato fosse uma ameaça. Ele que só queria um canto pra se esconder seria uma ameaça?

A Pedrosa, como líder do grupo, roncava um óóóóóó-cóóóó rouco, como se estivesse engasgada. Algo entre um canto de galo e um

discurso de delegada. Um som cavernoso que só ela conseguia emitir, por ser híbrida. As outras formavam um coral de exclamações. O jovem garnisé se mantinha recolhido pelos cantos, procurando amenizar a revolta.

Aos poucos, a paz voltou ao galinheiro. Apenas a Pedrosa continuava a roncar, vez ou outra. Até entender que o jovem se mantinha indiferente, sem reagir às provocações. A Elba e a Preta, por também serem nanicas, foram as primeiras a estabelecer amizade com ele.

Em uma semana, a harmonia reinava no bando.

Antes do batismo, o nome provisório do garnisé foi Galisé. Até a menina, madrinha dele, escolher o nome definitivo: José.

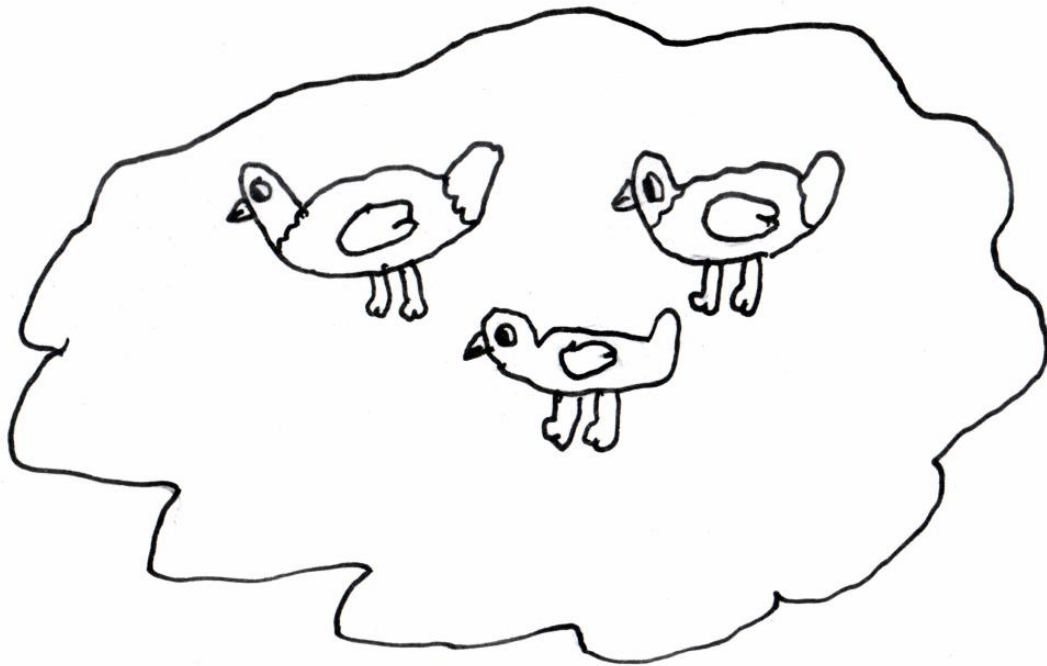
Tão logo batizado e aceito no bando, José começou a exercer o comando com o consentimento, a aprovação e a legitimação da

liderança. No começo, por ter pouca experiência e sem um professor que orientasse, agia com timidez, prestando atenção nas reações das companheiras.

Como garnisé adolescente, sentiu o instinto subir pela garganta e soltou o primeiro coricocó. Bem. Foi mais um gargarejo, um ruído estranho, que uma melodia que transmitisse autoridade no terreiro ou anunciasse aos vizinhos que, ali, seria ele o comandante.

Passou alguns dias ocupado com a tarefa de aprimorar a voz de comando. Em seguida, dedicou especial atenção à rotina das galinhas: quem estava botando, qual a comida preferida de cada uma, quais as ameaças reais à vida deles e quais os bichos que se aproximavam apenas por curiosidade.

Dava pra ver que os sabiás, as saracuras e as arancuãs só queriam estabelecer relações de boa vizinhança. Por outro lado, os gatos, os cães, as gralhas, os gaviões, os lagartos, os furões e os gambás representavam sérias ameaças à família. Sim. Formavam uma família, organizada e bem unida.



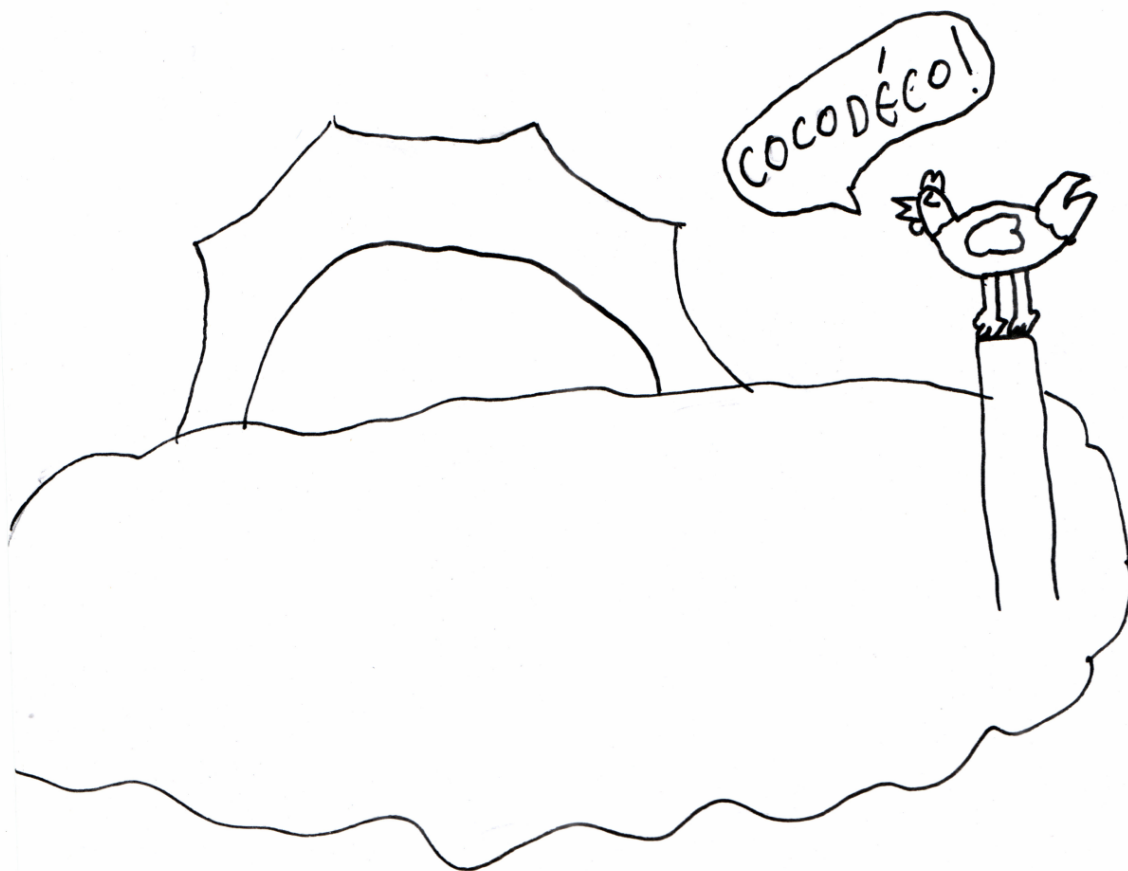
José assumiu a responsabilidade pela defesa da família. Se algum bicho estranho – mesmo que fosse um inofensivo besouro – entrasse no cercado, o comandante-em-chefe se dirigia ao intruso, analisava os movimentos e os potenciais perigos que o bicho pudesse oferecer. Se uma ave desconhecida sobrevoasse o espaço aéreo ou algum ruído diferente cortasse o ar, todos gritavam cocodéco, cocodéco, tentando afastar as ameaças.

26

Mesmo quando a menina jogava um capim diferente ou uma fruta nunca vista antes, as galinhas ensaiavam um jogral de ‘i-quik’s e aguardavam a inspeção do chefe pra, só então, se aproximarem e provarem do novo alimento.

Se uma galinha estivesse no ninho aguardando a saída do ovo, José se encaminhava pra lá pra dar moral, assumindo a função de coordenar a fila ou de reprimir possíveis desentendimentos.

O GARNISÉ QUE ANDOU DE BICICLETA



27

Mario Tessari

O resto do tempo, andava pelo pátio atento a qualquer movimento. Se fosse um bicho ameaçador, ele gritava “cré-cré-cré”. Se alguma formiga adentrasse ao cercado, ele emitia aviso da presença de proteína com um festivo ‘ik-ik-ik-ók-cók’. E se punha de lado para dar passagem às convidadas. As galinhas, então, corriam para devorar os insetos.

Depois de muito treino, José conseguia executar um corococó vibrante que sobrepunha o canto de todos os galos da vizinhança. A partir daquela data, programou o horário do despertador e passou a anunciar as madrugadas com longas e exuberantes clarinadas. Tão logo ele cantasse, os galos da vizinhança respondiam, porém, sem poder de competição.

Ao amanhecer, um dos humanos vinha destrancar a porta dos fundos do galinheiro e José comandava a procissão saideira.

Ao final da tarde, bem antes do crepúsculo, ele era o primeiro a entrar e a subir pro poleiro um pouco abaixo do telhado. Seguido de imediato pela Carijó e pela Amarela com quem compartilhava a primeira fila da frente. Logo depois, a Pedrita se juntava aos três. A Preta e a Elba ainda verificavam se havia alguma minhoca ou algum mosquito pra devorar e, em seguida, se recolhiam também. A Pedrosa, velhota e meio cega, costumava se atrasar e, não raro, precisava de ajuda para encontrar a portinhola de entrada.

29

Quando a primeira estrela piscava no firmamento, a família silenciava pra mais uma noite de descanso.

Até o canto da próxima madrugada...